

**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

# **História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado**

**Atena**  
Editora

Ano 2020



**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

# **História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado**

**Atena**  
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto



Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
H673	<p>História e as práticas de presentificação e representação do passado [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.            Modo de acesso: World Wide Web.            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-075-9            DOI 10.22533/at.ed.759202805</p> <p>1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores.            I. Guilherme, Willian Douglas.</p> <p style="text-align: right;">CDD 907.2</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O e-book “História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado” reuni 16 artigos entorno de um debate atualizado e propositivo sobre práticas e história. As pesquisas foram organizadas em 4 grupos conforme interesse da obra.

No primeiro grupo, temos três textos que discutem a presentificação e representação do passado do ponto de vista de território, trazendo um diálogo crítico e convidativo ao debate.

Para o segundo grupo, foram selecionados cinco artigos que dialogassem em torno da religião, trazendo ações históricas que permaneceram presentes nos tempos atuais. Polêmicas ou não, as pesquisas contribuem com a quebra de preconceitos e propõem novos olhares.

No terceiro conjunto, agrupei cinco pesquisas que apresentassem um debate relevante para o contexto histórico proposto por esta obra, que é a presentificação e representação do passado. As pesquisas permeiam o século XIX, XX e XXI.

Para o quarto grupo, são três artigos voltados para a discussão histórica por meio da educação. As pesquisas convidam ao olhar dialógico e levam o debate para além da leitura.

Desejo boa leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

### I.

#### **CAPÍTULO 1 ..... 1**

A COMUNIDADE DE CERRO PELADO, FRONTEIRA E HISTÓRIA AGRÁRIA

[José Carlos Sampayo Ferreira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028051**

#### **CAPÍTULO 2 ..... 13**

A GUERRA DE (RE)CONQUISTA SOBRE O CAMPO MEXICANO E A RESISTÊNCIA TERRITORIAL ZAPATISTA

[Rodrigo de Moraes Guerra](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028052**

#### **CAPÍTULO 3 ..... 22**

ALDEADOS DE PIRATININGA – INDÍGENAS ADMINISTRADOS DE SÃO PAULO COLONIAL (SÉCULOS XVI - XVII)

[Antonio Martins Ramos](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028053**

### II.

#### **CAPÍTULO 4 ..... 33**

ANALOGIA DO SÁBADO

[Cleonaldo Pereira Cidade](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028054**

#### **CAPÍTULO 5 ..... 45**

CONTRIBUIÇÕES DE KOSELLECK, RÜSEN E FREIRE PARA O PROFESSOR DE HISTÓRIA QUE ATUE NO ENSINO RELIGIOSO.

[Marcelo Noriega Pires](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028055**

#### **CAPÍTULO 6 ..... 57**

O CAMPO RELIGIOSO “BRASILEIRO” NA OBRA MACHADIANA

[Valdeci Rezende Borges](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028056**

#### **CAPÍTULO 7 ..... 70**

ORIXÁ E NATUREZA: O CANDOMBLÉ NA PERSPECTIVA DECOLONIAL

[Victor Hugo Basilio Nunes](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028057**

#### **CAPÍTULO 8 ..... 86**

O ESPAÇO DE TERREIRO COMO ESPAÇO EDUCATIVO

[Patrícia da Silva Pereira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028058**



### III.

#### **CAPÍTULO 9 ..... 98**

O “LIVRO DE ENTRADA DE IRMÃOS DA IRMANDADE DE N. SRA. DO ROZARIO DOS PRETOS DA FREGUESIA DA CAXOEIRA” – RS, SÉC. XIX

[Henrique Melati Pacheco](#)

**DOI 10.22533/at.ed.7592028059**

#### **CAPÍTULO 10 ..... 113**

NETTO ENCONTRA SUA ALMA! UM CAUDILHO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL NA HISTÓRIA E NA LITERATURA (C.1836-C.1866)

[Cesar Augusto Barcellos Guazzelli](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280510**

#### **CAPÍTULO 11 ..... 124**

O PODER BÉLICO DAS PALAVRAS: O DISCURSO VENCEDOR DOS REPUBLICANOS LIBERAIS NA QUEDA DA MONARQUIA NO BRASIL (1870-1891)

[Daiane Lopes Elias](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280511**

#### **CAPÍTULO 12 ..... 136**

PARA ALÉM DA INVENÇÃO: UMA CRÍTICA AO CONCEITO HOBBSBAWMIANO DE TRADIÇÃO

[Ivan Rodrigo Trevisan](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280512**

#### **CAPÍTULO 13 ..... 146**

FUTEBOL DE BOTÃO / MESA – PASSADO, PRESENTE E FUTURO NA PERCEPÇÃO DO BOTONISTA

[Ary Luiz de Oliveira Peter Filho](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280513**

### IV.

#### **CAPÍTULO 14 ..... 165**

PROJETO DE LEITURA E ESCRITA: FÁBULAS POTIGUARA

[Juracy Dayse Delfino Soares](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280514**

#### **CAPÍTULO 15 ..... 174**

PROTAGONISMO POLÍTICO JUVENIL E NARRATIVAS DE HISTÓRIA: PERSPECTIVAS DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA PELA *BURDENING HISTORY*

[Jéssica Christina de Moura](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280515**

#### **CAPÍTULO 16 ..... 189**

PERCEPÇÃO SOCIOCULTURAL DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DA ANÁLISE DO VESTUÁRIO DE ÉPOCA

[Lilian Patricia Soares Filocreão](#)

**DOI 10.22533/at.ed.75920280516**

#### **SOBRE O ORGANIZADOR..... 201**

#### **ÍNDICE REMISSIVO ..... 202**

# CAPÍTULO 4

## ANALOGIA DO SÁBADO

*Data de aceite: 12/05/2020*

### Cleonaldo Pereira Cidade

Elaborador do projeto dez e da inclusão digital para o projeto dez; elaborador do Estatuto da SOBASE; Bel em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil - chancela MEC da Universidade Federal de Roraima, Derca - Roraima; Pós-graduado em Ciências da Religião pela Faculdade de Teologia Integrada FATIN, Igarassu Pernambuco; licenciado em Curso de Formação de Docente para Educação Básica, Faculdade Educação da Lapa – chancela da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba - Paraná e Professor das disciplinas de Hebraico, Exegese do NT e do AT, Hermenêutica e tópicos em Religião e Filosofia pelo Seminário Batista do Nordeste afiliada a Associação Evangélica de Educação Teológica na América Latina – Feira de Santana Bahia. Natural de Ilhéus – Bahia.

**RESUMO:** A “Analogia do Sábado” tem como propósito o de elucidar a compreensão sabática, sendo possível mostra que a mesma está além do entendimento de muitos religiosos, a qual tem sido interpretada por algumas comunidades cristãs, de forma haver muitos equívocos em torno de Gênesis 2.1-3. Por isso surge uma inquietação, dado que muitas pessoas também se sentem incomodadas por não entender esse

assunto, pois é ainda uma questão confusa para muitos religiosos. Todavia o verso obriga a utilização do método analítico, mas também se fará uso dos princípios hermenêuticos com a ferramenta exegética para a explicação do tema. Porque se tem como propósito o de também auxiliar não somente as comunidades religiosas. Supõe-se que o dia sabático seja um selo aberto, mas como se poderia chegar a essa conclusão? Quem poderia abri-la sem que houvesse algum tipo de violação da lei? O fato de (Yeshua Hamashia) Jesus o Cristo ter sido acusado de violar o dia sabático, isso significa que não recebeu poder para romper o selo do dia sabático? Ao pretender responder esses questionamentos tentar-se-á levar o interessado nesse assunto a ser capaz de perceber o real sentido do sábado no plano teológico cristão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sábado o selo, Analogia sabática, Sábado como o descanso eterno, Sábado como o Sétimo dia. O Sábado, o Cristo.

**ABSTRACT:** The “Analogy of the Sabbath” is intended to elucidate the Sabbath understanding. Being possible shows that it is beyond the understanding of many religious which has been interpreted by some Christian communities, so there are many misconceptions around Genesis 2.1-3. This is why there is an uneasiness, since

many people also feel uncomfortable in this matter, for the Sabbath analogy is still a confusing question for many theologians. However, the verse requires the use of the Analytical method, but also the use of hermeneutical methods with the exegetical tool to elucidate the research. Because it is meant to help not only religious communities. It is assumed that the Sabbath day is an open seal, but how could one come to this conclusion? Who could break it without some kind of violation of the law? The fact that Jesus Christ did not break the law by breaking the Sabbath day, since the religious of the time understood that he was opening the seal, does that mean he did not receive the power to do so? In attempting to answer these questions we shall endeavor to bring the person concerned into this subject to be able to perceive the real meaning of the Sabbath on the Christian theological plane.

**KEYWORDS:** Saturday the seal, Sabbath analogy, Saturday as the eternal rest, Saturday as the Seventh day. The Sabbath the Christ.

## 1 | INTRODUÇÃO

Análise sobre o sábado baseado no estudo de Gênesis 2.1-3 surge de uma inquietação, dado que muitas pessoas de comunidade cristã demonstram interesse em entender esse assunto, uma vez que a analogia sabática é ainda uma questão confusa para alguns teólogos. Pois há experiência de ver pessoas sinceras demonstrando muita preocupação por esse assunto como se o dia sabático não fosse um selo ainda aberto. Para análise foi feita a escolha do texto citado acima, compreendendo que é o princípio de toda a discussão entorno do Sábado. Contudo, mesmo tendo estudado os três versos, apenas será necessário se deter ao verso três, por haver a possibilidade de aplicar o princípio sintético no 1 e no 2. Todavia o verso três obriga a utilização do princípio Analítico, mas também se fará uso dos seguintes métodos para a elucidação da pesquisa: O literário; o histórico-gramatical; o teológico-científica. Porque se tem como pretensão alcançar também o público acadêmico, e não somente as comunidades religiosas. Supõe-se que o dia sabático seja um selo aberto. Se já é rompido, como se poderia chegar a essa conclusão? Quem poderia rompê-lo sem que houvesse algum tipo de violação da lei? O fato de (Yeshua Hamachia) dizer não ter violado a lei com o sábado, já que os religiosos da época entenderam que ele estava abrindo esse selo, significa que não recebeu poder para rompê-lo? Em responder esses questionamentos tentar-se-á levar o interessado nesse assunto que seja capaz de perceber o real sentido do sábado no plano teológico cristão.

## 2 | PRINCÍPIO LITERÁRIO. 2

### 2.1 Gênero literário do texto analisado

E Abençoou o Eterno o dia, o Sétimo, e santificou-o, porque nele descansou o Eterno de toda obra que criou e fizera. Genesis. 2.3.

O texto em análise consta no livro de Gênesis, que conforme a tradição cristã e rabínica é de autoria de Moises, embora percebidas as diferenças escriturárias entre os capítulos um e o dois. Dado que os dois textos citados tratam da criação de forma distinta. Contudo as variáveis encontradas nas fontes não retiram do mentor secundário a sua autoria, pois o cérebro de todas as escrituras, para os teólogos cristãos, é o Espírito do Eterno. Por conseguinte o livro de Lucas 16.31 e 24. 27,44-45 cita a fala do próprio Jesus Cristo, confirmando que a autoria era de fato de (Μωϋση), Mosheh (Μωσῆς), Moises ou Mouses. Os documentos de Lucas apontam para ele, como sendo o autor de Gêneses, de forma bem detalhista, conforme é visto em Atos dos Apóstolos 7. 22, que Moises foi instruído em toda a ciência dos Egípcios, sendo poderoso em obras e palavras. Mesmo tendo o preparo científico não utilizou do código linguístico técnico para escrever os textos, todavia fez uso da linguagem dinâmica para construir o primeiro documento do Pentateuco, ou seja, da Torá, pois o livro é conhecido pela comunidade judaica, na língua hebraica como o (BeRE'SIT), ou seja, o (Bereshit). O registro não é um tratado científico, mas um livro da fé. Contudo é perceptível que pode ser considerado uma literatura que trata de vários temas científicos como: A Biodiversidade, a Bioética, Sistema Ecológico, Biogêneses etc.

### 2.2 Tipologia textual do texto em análise

O texto é uma narrativa-descritiva, ou seja, informativo com propósito didático sendo construído com várias novelas: a história do primeiro casal e seu fracasso perante o Eterno e a humanidade; a história de Noel e sua família e a reconstrução da vida na terra; a história de Abrão e a aliança que representa a promessa que o eterno faz com as famílias que ouvir a voz de (YHWH 'ELOHÎM); Isaque e sua família como confirmação de uma promessa feita a Abrão, prova de que (Elî) cumpre promessa; a família de Israel e seus doze filhos. Embora o livro traga uma sequência de narrativas, não se pode esquecer que é uma obra literária, não precisando ser fiel aos fatos de forma cronológica, como exemplo o que acontece no capítulo 11 e 10 de Gênesis. Esse fala sobre o surgimento dos povos e nações, aquele relata que ainda não havia nação na terra, contudo é um fato que ocorre em várias outras literaturas, porque as histórias são construídas a partir da tradição oral. As pessoas não estavam escrevendo no momento do acontecimento, assim é normal que haja fragmentações e a tentativa de montar cada relato de maneira que se consiga entender o que realmente aconteceu.



Por conseguinte o capítulo 2.1-3 é uma parte fundamental sobre a analogia sabática, pois nessa se estabelece o sétimo como algo que apontava para o Savat, o sábado, ou seja, o descanso. Todavia se faz análise somente do 3, porque é possível que seja uma síntese dos outros dois versículos. Contudo o verso requer um estudo com o uso do método analítico conforme a proposta kantiana em “Crítica da Razão Pura” (KANT, 2001). Já que Moises foi dotado de todas as técnicas das ciências dos egípcios, então é possível supor que o Eterno se utilizou dos métodos e dos recursos humanos para alcançá-los, pois a linguagem que se utilizou para se comunicar foi humana, contudo a revelação é de exclusividade divina sem a participação do homem.

Portanto o apóstolo Pedro em seu documento registrado na segunda carta ao de Pedro 1.20-21, disse: “... saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo.” Assim o apóstolo fez menção dos escritos de Moises no capítulo 2.

### 3 | PRINCIPIO HISTÓRICO-GRAMATICAL 4

#### 3.3 Análise sintática de Gêneses. 2.3. E Hebreus 4.

a. Texto em Hebraico:

וַיְבָרֶךְ אֱלֹהִים אֶת-יוֹם הַשְּׁבִיעִי וַיְקַדְּשׁ אֹתוֹ כִּי  
 בּוֹ שָׁבַת מְכַל-מְלַאכְתּוֹ אֲשֶׁר-בָּרָא אֱלֹהִים  
 לַעֲשׂוֹת :  
 בְּרֵאשִׁית 3.2.

Os caracteres na cor vermelha no final do texto em hebraico indicam onde inicia a leitura, porque o hebraico se ler contrário a forma como é lido no português e também indica que o texto inicia com uma conjunção aditiva. Os outros caracteres em vermelho: na primeira linha é o substantivo (SHBÎÎ – xibíí, sétimo dia), mas também a parte em verde fraco é o artigo (HÁ – rá, o); na segunda linha é o verbo (SHAVAT – XAVAT, habitou, descansou); na primeira linha os caracteres em marrom é a partícula que indica o objeto direto (E’T, não há tradução no português); na cor azul indica o livro (BeRÊ’SHÎT, bereshite, gêneses). Por conseguinte a transliteração no português representa assim:

b. Texto transliterado:

(WA)(YeVÂREKH)(‘ELÔHÎM)(ET)(YÔM)(HÁ)(SHeVÎÎ)(WA)(YeQADESH)(OTO)(KÎ)  
 (VÔ)(SHÂVAT)(MIKOL)(MeLA’KH)(TÔ)(ASHER)(BÂRÂ’)(‘ELÔHÎM), (LA)(‘ASÔT)

O texto inicia com a conjunção aditiva (WA – e) acoplada ao verbo (YeVÂREKH –

abençoar). ('ELÔHÎM) é o sujeito. (ET) é a partícula que indica o objeto direto, mas não há tradução no português. (YÔM) é o substantivo – dia. (HÁ) é o artigo – o. (SHeVÎ'Î), o substantivo sétimo. (WA), a conjunção aditiva – e acoplado ao verbo (YeQADESH), santificar. (OTO), partícula que indica o objeto direto. (Kî), conjunção explicativa. (VÔ), pronome – nele. (SHÂVAT), verbo habitar, descansar (MIKOL), pronome indefinido – todo. MeLA'KH), substantivo - obra com o sufixo pronominal (TÔ) – sua. (ASHER), conjunção – que. (BÂRÂ'), verbo – criar. ('ELÔHÎM), sujeito. (LA)( 'ASÔT), verbo – fazer, acoplado a preposição, contudo a tradução no português não há como aproximar, porque numa tradução, para o tradutor, o que deve pesar é a semântica, de forma que se pretende buscar a etimologia que mais se aproxima.

Texto em português:

(E Abençoou o Eterno o dia, o sétimo, e santificou-o, porque nele descansou o Eterno de toda obra que criou e a fizera. Genesis. 2.3).

a. Texto de Hebreus 4.

Tabela 1				
Hebreus 4.1	ἐπαγγελία	εἰσέρχομαι	εἰς τὴν	κατάπαυσις,
	Substantivo	verbo	Pre +Artigo.	Substantivo
	epaggelia	eiserchomai	Eis +thn	katapausis
	Promessa	entrarmos	na	Habitação - descanso
Tabela 2				
Hebreus.4.3	εἰσέρχομαι	εἰς τὴν	κατάπαυσις	
	verbo	Pre +Artigo.	substantivo	
	eiserchomai	Eis +thn	katapausis	
	Entramos	Na	Habitação	
Tabela 3				
Hebreus. 4.4.	κατέπαυσεν	ἐν τῇ ἡμέρᾳ	τῇ ἐβδόμῃ	
	substantivo	Pre+art.+ sub.	Art + sub.	
	katapausis	hémera	Th hebdomos	
	Habitação	No dia	O sétimo	
Tabela 4				
Hebreus 4.6	εἰσελθεῖν			
	Verbo			
	De			
	eiserchomai			
	entrarmos			
Tabela 5				
Hebreus.4.7	πάλιν	ὀρίζει	ἡμέραν	σήμερον
	Adverbio	verbo	pronom e	adverbo

	palin	orizei	hémera	sémeron
	Novamente	Determinou	dia	hoje
Hebreus.4.9	ἄρα + ἀπολείπω	σαββατισμός		
	Partícula disjuntiva+ verbo	substantivo		
	Ara +apoleipó	Sabbatismos		
	Portanto + permaneço	Local sabático		

O texto de Hebreus 4.4 cita o texto de Gênesis. 2.3. Esse faz referência ao descanso com a semântica de local sabático dez vezes; três vezes cita o descanso sem o sentido de lugar sabático e apenas duas vezes cita o descanso como o dia sabático, o sétimo dia. Pois o local sabático aparece oito vezes com a etimologia de (katapausis) morada, repouso, descanso e três vezes com a raiz de (eiserchomai) entrada. Portanto o dia sabático é provisório, mas o local sabático é permanente, conforme é percebível a ênfase dado no texto, na tabela 5, na segunda horizontal, aparece o verbo (orizei), determinar - pois o Eterno determinou outro dia como substituto do sétimo, ( hemero sémero) o dia hoje, registrado no capítulo 4.7. Por conseguinte, o que permanece conforme o verso 10 é o local sabático, Cristo. Assim, ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus, registrado em Hebreus 4:9.

### 3.4 Análise semântica de Gênesis 2.3

O verbo (YeVÂREKH – (ievarech) e (YeQADÊS - ieqadesh), abençoou e santificou se refere ao substantivos (HASVÎÎ - rashiví), o sétimo, e não ao verbo (SÂVAT - shavat ou SÂBAT - shabat), porque esse tem o significado de descansar, pois o Eterno abençoou o sétimo dia com a benção do descanso, com o (sabat), ou seja, com o sábado. O sétimo dia é favorecido com dois verbos. Os verbos abençoar e santificar, no hebraico estão no piel que indica ação intensiva e ativa. Na voz intensiva traz uma ideia mais forte, chocante. Também indica que ação do eterno de abençoar e santificar o dia sétimo não foi completo, porque está no tempo imperfeito, pois o sétimo dia tem um significado transitório. Contudo o verbo (SHÂVAT ou SHÂBAT) está no verbo Qal, no tempo perfeito, portanto, ((há) (shavat)), o sábado tem um significado muito maior que o sétimo dia, pois o mesmo não é sombra do sétimo dia, mas é o sétimo dia que, sombra do sábado. Por conseguinte seria uma verdade dizer que o sétimo dia representa o sábado, ou seja, o descanso.

Contudo seria errado dizer que o sábado significa o sétimo dia, pois esse é menor que aquele em seu significado pleno. Poderia dizer que os profetas representam a voz do Eterno, mas os mesmos são imperfeitos em relação ao perfeito. Pois enquanto o sétimo dia tem o significado temporal o sábado o tem atemporal. Entretanto a compreensão rabínica reduziu e submeteu ao significado do sétimo dia, todavia esse deveria leva-los

ao significado pleno do sábado, pois a diferença de compreensão entre os fariseus e Jesus Cristo se mostrava evidente: “Meu pai trabalha até agora e eu também” 5.17, pois é possível que também fosse uma forma de corroborar Gênesis 2.3, pois o shavat é o verbo de ação, e não o substantivo - sétimo dia. Pois os rabinos costumavam fazer jogo de palavras para reafirmar algo já estabelecido. Talvez estivessem fazendo isso, dado que Jesus também era um rabino. O sábado também tem o significado do selo da promessa, todavia a ideia do sábado sempre precisa ser transcendente a do sétimo dia, porque o selo é o sábado, com o significado de repouso, mas não com o significado de sétimo dia.

Mesmo quando o Eterno substantiva o sábado, esse sempre tem o significado apontando para a promessa como ideia de repouso, descanso. Portanto sempre é preciso transcender a ideia rabínica, os próprios discípulos de Jesus Cristo mostravam sua esperança no Messias com uma visão temporal registrado em Lucas 24. Mas também em Lucas 16. Ele disse que os filhos das trevas são mais prudentes do que os da luz.... Basta ver a visão dos Samaritanos em João 4 sobre o messias, pois transcendia a dos Judeus, esses que os consideravam filhos das trevas. Ao transformar o sábado somente um significado que representava o sétimo dia o torna em uma confusão farisaica, pois se percebe que em seu propósito o Eterno tem um método de redenção, porque o sétimo dia passou apontar para o repouso e o descanso apontava para a promessa que, para a graça. Mas essa é uma questão que se tratará em principio teológico.

### 3.5 Análise etimológica

A etimologia utilizada no hebraico o verbo (YeVÂREKH) que significa no português, santificar, no contexto de Moises tinha sua semântica voltado para a ideia de consagrar, separar algo ou alguém. Fazia parte também da cultura, em outras civilizações, a ideia de ter um dia determinado para descansar havendo quem acreditasse ser o sétimo dia da Bíblia similar à forma como ocorria na Mesopotâmia, em que também havia a proibição de se trabalhar, contudo visto como uma maldição. Há muitos comentários sobre esse assunto, afirmando haver vários outros estudiosos que também corroboram a possibilidade da instituição de um dia sabático em outras culturas ( CHAMPLIN E BENTES, 1997.p.3-4.). Há outras referências sobre outros historiadores nos estudos etimológico no Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (ARCHER,JR E WALTKE, 1998. p. 1521 - 1522).

Todavia para o povo de Israel, o dia sabático, como uma maldição em outras tribos, teria de ser diferente para eles. Porque apontava para um descanso atemporal, mesmo com um significado que já era temporal quando Moises escreveu, pois é um erro entender que um dia de descanso só existia na cultura judaica. Se o propósito do sétimo dia fosse para apontar um sábado temporal, de fato não poderia ser uma benção. Todavia alguém pode questionar que o Eterno estabeleceu o dia sabático muito antes das civilizações, mas a finalidade dEle, em relação ao dia sétimo, foi o de apontar para o descanso como



uma semântica que deveria transcender, pois partira de significados já existentes, no tempo que o texto foi escrito, para dar sentido a essência da própria eternidade, que no tempo da antiga aliança indicava a promessa. Então o texto tem uma inferência bem maior do que aquele que se foi dada. Entretanto deveria foca na promessa, e não o sétimo dia com relevante, porque o dia deveria apontar para o evento mais importante que Deus prenunciava em favor da humanidade que precisava fazer entender na antiga aliança e a graça no novo pacto. Por conseguinte, no estudo etimológico, os autores ARCHER, JR e WALTKE, corroboram com a ideia de que o sábado apontava para o próprio Cristo, como sendo o nosso sábado, o nosso descanso.

Ao analisar o decálogo, ou seja, os dez mandamentos, é possível saber que havia civilizações com leis idênticas, como código de Hamurabi, a lei de Talião, muito antes da lei de Moises. Essa é uma prova que as leis do Eterno já estavam dentro dos homens. Portanto na análise é percebido que as leis trabalhistas, sobre o descanso no sétimo a cada seis dias de trabalho, estão mais próximas à Torá do que a compreensão rabínica e adventista, pois nas leis dos homens ela tem um valor humanitário e permite o exercício da misericórdia e promove o alívio de uma carga. Mas na compreensão religiosa há um valor excludente e uma carga, porque existe como proposito de definir, supostamente, quem é “fiel ou não...”

Por conseguinte há muitos historiadores e comunidade religiosa, como os da hermenêutica de Ellen White, que acusam a Igreja Católica de terem deturpado o dia de se guardar e de até mesmo terem alterado alguns documentos contraria as escrituras sagradas. Pois, essa ideia auxilia alguns que têm o intuito de desmerecer os escritos, como se o Eterno perdesse controle da situação. Há os que afirmam ter o Imperador Constantino imposto seus intentos na seletividade dos documentos, contudo esses desconhecem o outro lado da história, pois foi a Eusébio 265 a 339 a.C, que Constantino solicitou uma história da Igreja usando fontes primárias e cautelosamente analisadas.

Também os Países Orientais se dedicavam em descobrir o significado das escrituras pelo exame da gramática e da história e os pais ocidentais se dedicavam em traduzir as escrituras e escreviam tratados teológicos, mas também foi Jerônimo de Veneza 347 a 420 que produziu a vulgata uma tradução do hebraico e do grego para o latim que, até uma determinada época, era a versão bíblica oficial da Igreja. Portanto Ambrósio 340 a 397, ele era administrador e pregador e corajoso, opôs-se ao imperador e obrigou o Estado a respeitar a Igreja, não interferindo nos negócios dela no âmbito espiritual, (EARLE e CAIRNS 2018.). Esses relatos também são fatos históricos que mostram que o Eterno preserva homens sérios, honestos, corajosos e dedicados que contribuíram para com o reino.

### 3.6 Análise tipológico dos atipos e tipos

O local sabático, conforme a tipologia cristã foi a tipo o Cristo e Cristo é o tipo do local sabático. A promessa sabática se concretiza na graça, pois o Cristo é o descanso presente, não mais distante. Em relação à tipologia cristã o sétimo dia pode ser visto como o que aponta para o (sábado), o descanso e esse para a promessa. Pois os puros de coração habitariam na casa do Eterno, no monte santo, essa seria a benção prometida, porque em Salmos 23 o verbo sabático, no hebraico tem a mesma raiz do (shâvat), pois a tipologia que aponta para o sábado é mais profundo que o símbolo representado pelo o dia sétimo, dado que o sábado era o ideal da morada do Eterno. Portanto, o templo era o tipo ideal do tipo real que representava o descanso divino como a promessa do Eterno para os puros de coração, dado que a analogia de salmos permite essa inferência na teológica cristã.

Todavia o sábado representava o lugar santo como benção para os santos, isso dentro do Eterno. Pois no templo, com o tipo sabático, havia três lugares: o santo dos santos, o santo e o pátio no lado de fora, porque esses lugares representavam a posição de quem tinha acesso à morada santa e quem não. Por isso Deus abençoou e santificou o sétimo, mas o verbo, embora intensivo, contudo sugere que a ação é incompleta, porque o dia sétimo não poderia se tornar um fim em si, mas um meio de se apontar para outro significado, que foi o sábado com a ideia que deveria se aprofundar para a promessa do repouso no tempo da graça como a morada real dentro de Cristo.

O livro de Hebreus é fantástico para a compreensão dessa tipologia cristã. Entretanto o sábado apontado pelo sétimo, não representava o ideal da promessa, mas o provisório, porque nele o povo parava de todas as suas obras como em um memoria que nesse o Eterno entrou em seu repouso, contudo a posição do povo era inferior a dos sacerdotes, porque mesmo no dia sabático, não podia entrar no local que representava o descanso, a santidade do Eterno. O povo ficava no lado de fora do templo, porque no dia sabático o povo parava em um memorial de que Deus entrou no descanso e ele, o povo, em seu descanso temporal, no pátio do templo, refletiam na atemporalidade do repouso prometido pelo Eterno. Mas o dia sétimo entrelaçado a ideia sabática era o selo de que o repouso transcendental estava fechado, porque é isso que o selo significava que algo estava vedado e que somente alguém poderia abri-lo, todavia a posição dos sacerdotes era privilegiada, porque moravam dentro do lugar santo, possivelmente a fala de (Yeshua Hamashia), Jesus Cristo, registrado em Mateus 12 sobre a ideia de que os sacerdotes violavam o sábado (conforme a etimologia analisada no grego) e ficavam sem culpa, talvez fosse uma ironia de Cristo aos fariseus, dado que esses o condenavam de violar a lei por causa do sábado.

Os sacerdotes não podiam abrir o selo para tornar a entrada dos santos, no templo, acessível ao povo. O selo, no contexto, era algo que garantia a não violação de algo

que tinha que ser aberto por quem fosse destinado, então não se poderia acusar uma pessoa autorizada a abrir de ter violado um documento, dado que a violação se atribuía a quem não foi permitida a abertura. Mas os fariseus acusavam Jesus Cristo de ferir a lei ao romper o dia sabático, porque esses não reconheciam a autoridade do Santo de Israel. Pois ao romper um selo, não estaria violando, já que registrado em Apocalipse 6, “somente o cordeiro é digno de abrir, não somente um selo, mas todos. Achar que quando Jesus Cristo rompe um ele estivesse violando é o mesmo que não aceitar sua autoridade e poder.

Portanto o lugar sabático significa morada, repouso e o sétimo dia sabático sendo o selo de Deus, na velha aliança, em que o lugar estava fechado para o povo, no tempo da lei, onde estaria a benção nisso? A benção é que esse era um memorial da promessa de entrada do povo no repouso eterno em Cristo no tempo da graça. Então rompendo o selo estava cumprindo e não violando, porque a promessa de que o selo seria aberto para dá acesso a entrada ao repouso, no santo, era a cláusula pétrea da lei. Essa que se concretiza na misericórdia e graça do Eterno, conforme Salmos 103 celebrando a Torá, disse que o Eterno é quem os coroava de graça e misericórdia. Isso era mérito somente para alguns no tempo da lei. Todavia na graça é acessível a todos, os quais estão em Cristo.

#### 4 | PRINCIPIO TEOLÓGICO-CIENTIFICO. 2

O texto não só deveria ser compreendido, mas também, interpretado, pois o que os teólogos-religiosos fazem no texto é aplicar o método sintético. Contudo há inferência que requer o método analítico, quando se estuda um texto, em que se compreende de forma clara. Então se pode sintetizar, porém há situações que requer uma olhada mais analítica (KANTE 2001). O autor de Hebreus 4, demonstra conhecimento suficiente de exame ao citar o texto de Gêneses 2.1-3. Porque consegue mostrar que no texto há o dia sabático, dado que o substantivo está presente, mas também consegue perceber o verbo (SHÂVAT), que infere a ideia de morada permanente, de maneira que ele fala - do dia sabático e do local sabático. Assim é possível fazer uma análise comparativa dos dois textos e aplicar o princípio Hermenêutico, que permite jogar luz de um texto sobre outro.

O autor de Hebreus entendeu que o dia sabático como promessa foi rompido e aponta que no tempo da graça, não mais resta o sétimo dia, restando apenas o local sabático, porque esse representa, conforme a teologia apostólica, também registrada em Efésios. 1.3, pois no Cristo de Deus estamos nesse lugar celestial em quem todas as famílias da terra foram abençoadas –os lugares celestiais no antigo pacto representavam o templo que havia os Santos dos santos e o santo. Aqueles que ouvem o Eterno, não ficam mais do lado de fora, como no período em que o templo estava selado pelo selo sabático, porque mesmo quando o povo parava para ouvir o Eterno, não entrava nos

lugares celestes do templo, ficava no lado de fora.

Todavia no tempo da graça o selo foi rompido, não nos resta mais o dia sabático, e sim o lugar sabático, todavia o dia foi substituído por outro dia, conforme registrado no capítulo de Hebreus, que é o dia hoje. Essa discussão se é o sétimo ou o primeiro dia da semana que devem ser guardados, é inútil na teologia aos hebreus, porque o autor apresenta na doutrina da graça outro dia chamado hoje, porque agora, na graça, estar-se nos santos dos santos, pois todos os dias também são santos em Cristo, não mais na posição do povo, mas, dos sacerdotes, não como os do antigo pacto, contudo conforme a ordem de uma nova aliança em Cristo. Portanto na fala de Jesus em Mateus 12, sobre o sábado, Ele disse: “aqui está quem é maior que o templo”, então não disse maior que o sábado, porque ali havia a questão que envolvia o dia sabático, mas Jesus Cristo disse que os sacerdotes violavam dentro do lugar sabático no dia sabático, e ficava sem culpa, porque esses, diferentes do povo, estavam no lugar em que tinham toda a proteção do santo dos santos.

Paulo aprofundou em seu discurso teológico registrado em Romanos. 8.1: “Agora (agora quando? No tempo da graça) nenhuma condenação há para os que estão dentro de Cristo...” Essa ideia pode ser reforçada na Carta de I Pedro. 2, quando afirmou que, agora sacerdócio real... Que antes não eram, mas agora é povo de Deus.... Assim, na teologia da graça, o Espírito Santo é o selo, conforme a carta aos Efésios 1. Contudo esse selo é garantia de que de fato houve a entrada no lugar celeste e os da graça estão debaixo da proteção divina. Por conseguinte a mudança da lei foi registrada em Hebreus 7.11-28, portanto na fala de Jesus Cristo em Mateus 19.18; Marcos 10.19 e Lucas 18.20, o mestre prenuncia o novo mandamento, citando o decálogo reforça apenas os itens que deixa como ordem, porque tudo que estava no decálogo que apontava para o esforço na relação com o Eterno era impossível o homem atender a expectativa dEle, em seu esforço de agradar.

Na teologia paulina em Romanos 5.1, o apóstolo mostra que é o ágape do Espírito Santo que nos capacita a viver uma vida plena com Deus. O capítulo 13 corrobora com o que consta na fala de Cristo ao citar o decálogo ele faz o mesmo que o mestre, pois na graça o Espírito nos alivia a carga dos dez mandamentos, assumido o mais difícil e nos deixando o mais fácil por ordem, conforme João 13.34: “Um novo mandamento vos dou...” Por isso que nos três livros sinótico mais o texto de Romano, ao citar os mandamentos, estão resumidos, pois na graça Cristo nos alivia as cargas da lei, essa é a benção do Eterno para os que estão no lugar sabático, Cristo.

## 5 | CONCLUSÃO

Teve-se como objetivo elucidar, a “Analogia do Sábado”, mostrando que o mesmo está além da compreensão de muitos religiosos a qual tem sido interpretada por algumas comunidades, mesmo sendo cristã, de forma a haver muitos equívocos em torno desse assunto. Pois foi defendido que o sábado já seja o selo aberto, conforme a teologia cristã,



o sábado vai para além da ideia de um dia, que para o povo da antiga aliança, ela servia como um descanso que conforme a promessa apontava para a nova aliança, em que Cristo é a concretização dessa promessa, como sendo o lugar sabático na graça.

Então o sábado como o dia de descanso apontava para a promessa do Espírito Santo que nos colocaria nos lugares celestiais do novo pacto. Entender que Jesus Cristo tinha autoridade para quebrar o selo, que se constitui como um memorial à entrada do povo aos lugares santos, celestiais, representados pelos lugares dentro do templo, embora ainda fechado no tempo da lei, pois o descanso temporal apontava para outro atemporal, como ideia de morada eterna, dentro do próprio Eterno.

Por conseguinte vimos que Cristo era o único que poderia romper o selo, sem violar. Porque estava autorizado a isso. A ele foi dado todo poder, não somente na terra, mas também nos céus, entretanto alegar que ele não tivesse aberto seria dizer que não tinha autoridade para isso. Contudo, quando Jesus Cristo disse que não veio violar a lei, assim fez porque os fariseus o condenavam de violação, por causa do sábado, porque eles não o aceitavam como tendo autoridade. Pretende-se no próximo artigo falar sobre os quatro cavalheiros do apocalipse.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira. **A Bíblia Sagrada: Velho Testamento e Novo Testamento, versão revisada.** 11<sup>o</sup> Impressão, Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1995.

CHAMPLIN, Russel Norman; BENTES, João Marques - **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia.** 4<sup>a</sup> edição. São Paulo: Associação Religiosa, 1997.

COMENTÁRIO BÍBLICO BROADMAN - **Atos e I Coríntios: Novo Testamento.** 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1984.

COMENTÁRIO BÍBLICO BROADMAN - **Lucas – João: Novo Testamento 2. 3.** ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

EARLE, E e CAIRNS. **O Cristianismo Através Dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2008.

HALLEY, Henry H - **Manual Bíblico: Um Comentário Abreviado da Bíblia.** Maranhão: Livraria Editora Evangélica, 1963.

HARRIS, R. Laird, ARCHER E WALTKE. – **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** 6<sup>a</sup> ed. 2008. São Paulo: Vida Nova, 2008

HOLY BIBLE – **The Holy Scriptures in the Original Languages; Original Language Hebrew/ Greek.** London/England: Trinitarian Bible Society, 1998.

PAULANI, Leda Maria. **Modernidade e discurso econômico.** São Paulo: Boitempo, 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 103, 146, 163, 201

Afrocentricidade 87

Aldeamentos 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32

Analogia sabática 33, 34, 35

### C

Campo religioso 57, 58

Candomblé 58, 65, 70, 71, 72, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 93, 97

Caudilhos 113, 120

Colonialidade 21, 70, 72, 73, 75, 76, 79, 80, 83, 84, 85

Cristo 33, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 62

### D

Decolonialidade 70, 72, 73, 79, 84

Discursos políticos 124

Diversidade 30, 49, 57, 77, 79, 82, 83, 96, 97, 146, 151, 153, 155, 161, 178, 198

### E

Educação 1, 14, 20, 33, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 77, 78, 84, 87, 95, 97, 164, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 187, 188, 189, 201

Educação Histórica 45, 49, 174, 175, 176, 178, 181, 187, 188

Ensino de História 45, 56, 188, 189, 198

Ensino religioso 45, 46, 47, 50, 52, 53, 54, 55

Eric Hobsbawm 136, 137

Escravidão 22, 23, 24, 28, 29, 30

### F

Força 22, 28, 29, 46, 50, 54, 57, 59, 77, 90, 102, 110, 125, 141, 180, 184, 187

Fronteiras 78, 79, 83, 112, 113, 115, 122, 131, 133, 134, 188, 195

### G

Governo 17, 18, 26, 58, 59, 124, 125, 126, 130, 131, 180, 183, 184, 185

Guerra 2, 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 47, 48, 59, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 131, 133, 134, 150, 156

## H

História da América Latina 13

História do Tempo Presente 13, 79

## I

Identidade 14, 15, 16, 19, 20, 22, 30, 31, 50, 52, 76, 80, 91, 93, 109, 113, 115, 122, 138, 143, 144, 165, 168, 192, 195, 199

Ideologia 48, 50, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Indígena 13, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 96, 165, 166, 171

Irmandades 63, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 107, 108, 112

## J

Jogos de Escalas 98, 101

## M

Machado de Assis 57, 58, 67

Movimentos Sociais 13, 21, 73, 103

## N

Nação 16, 19, 35, 89, 110, 122, 128, 129, 136, 138, 142, 143, 151, 196, 199

Nacionalismos 136, 142

Negras 65, 72, 87, 93, 94, 97, 98, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111

## P

Província 113, 114, 118

## R

Religiosidades 53, 57, 67, 86, 90

Republicanos liberais 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 135

## S

Sábado 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 148

## T

Território 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 91, 104, 119, 125, 167, 193

Tradição inventada 136, 137, 142

Transgeracionalidade 87, 92

## Z

Zapatismo 13

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**